

## SENSIBILIDADES, LOUCURA E RESISTÊNCIA NA OBRA LITERÁRIA DE RODRIGO DE SOUZA LEÃO

Nádia Maria Weber Santos

UFG

[nmmws@gmail.com](mailto:nmmws@gmail.com)

RESUMO: Nesse texto reflete-se sobre alguns aspectos da obra literária do escritor carioca Rodrigo de Souza Leão (1965-2009), obra essa considerada enquanto um produto criativo de seu tempo, que expressa as sensibilidades do escritor e os fatores de resistência, envolvendo sua loucura e suas internações psiquiátricas. O material recolhido e examinado está no acervo do escritor, que se encontra no Arquivo Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) no Rio de Janeiro, sob o formato digital, e também em sites, Blogs e entrevistas. Sob o ponto de vista teórico, utiliza-se referenciais junguianos para discutir o processo criativo e os referenciais da História das Sensibilidades, no viés da historiadora Pesavento, para discutir as possibilidades sensíveis de sua obra, considerada aqui produto de resistência psíquica e artística.

PALAVRAS-CHAVE: Sensibilidades, Loucura, Resistência.

### Considerações iniciais

Rodrigo de Souza Leão (RSL, 1965-2009), cidadão carioca, foi poeta, escritor, músico e artista plástico. Sua morte, em 2009, sob condições não completamente explícitas, dentro de uma clínica psiquiátrica, pôs fim a uma carreira de um artista, que criou uma obra digital vasta, entre escritos e músicas, e uma obra plástica mais reduzida, mas não de menor importância. O acervo digital dos escritos encontra-se na Fundação Casa de Rui Barbosa e as pinturas estão no Museu de Imagens do Inconsciente, Rio de Janeiro. Sua obra tem a curadoria de Ramon Nunes Melo, escritor e jornalista.<sup>1</sup>

RSL passou por três internações psiquiátricas e suas consequências (na última, ele faleceu), um diagnóstico de esquizofrenia e o uso de medicação psicotrópica em alta quantidade e por muito tempo. Ele tinha uma vida reclusa, devido à sua doença, mas de intenso uso da internet, que se tornou a principal aliada de sua obra, de sua produção artística e de seus contatos com as pessoas.

---

<sup>1</sup> Uma parte desta pesquisa e uma versão ampliada deste artigo foram publicados na obra *Saúde e doenças no Brasil – perspectivas entre a História e a Literatura* (Editora Fi, Porto Alegre), livro coordenado por Nádia Maria Weber Santos e Zilda de Menezes Lima, sob o viés do acervo digital do escritor, cujo capítulo se intitula: “A minha religião é a arte” - *Arquivo digital, literatura e loucura: fontes de memória e de sensibilidades na escrita de Rodrigo de Souza Leão*.

Ao pesquisar o arquivo pessoal de RSL, que se encontra depositado no Arquivo Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) no Rio de Janeiro, sob o formato digital, e também seus demais escritos, em sites, Blogs e entrevistas<sup>2</sup>, percebe-se a grande quantidade de textos e imagens que ele produziu, as quais – poeticamente ou explicitamente – contemplam e denunciam sua condição de ‘doente mental’ medicalizado e sofrido. Em pleno início do século XXI, a Psiquiatria, enquanto especialidade médica que perfaz pouco mais de cem anos, se vê, novamente, confrontada e questionada em uma obra literária, como o foi em Lima Barreto em 1920<sup>3</sup>, e em tantos outros. E que muito revela – seja de denúncia, seja de resistência, seja de sensibilidades...

Sendo assim, compreendo sua obra - literária, musical e plástica - não como um sintoma de seus vários diagnósticos mentais, mas sim como produto criativo de uma psique sensível que reatualiza problemáticas históricas sobre a loucura, seus conteúdos, suas representações e práticas sociais, bem como fator de resistência ao sofrimento psíquico pessoal. Este texto, em específico, trabalha apenas alguns excertos de sua vasta obra literária.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Toma-se como referência a entrevista concedida por ele ao editor Fernando Ramos, do Jornal Vaia de Porto Alegre em 2009, intitulada “Os inumeráveis estados poéticos”, onde Rodrigo de Souza Leão fala sobre seus surtos, suas internações, suas não pretensões artísticas, sua vida, sua religiosidade, etc. Disponível no link Entrevistas do site <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/>. Acessado em 19/08/2018.

<sup>3</sup> Existem muitos escritos, no âmbito acadêmico, sobre Lima Barreto e seu “Diário de Hospício”, e, dentre eles, ver SANTOS (2008).

<sup>4</sup> Uma mini-bio está disponível no site <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/>. “Escritor, jornalista e músico, Rodrigo [Antonio] de Souza Leão nasceu no Rio de Janeiro/RJ, em 04 de novembro de 1965. Publicou dez e-books de poesia: *25 Tábuas*, *No Litoral do Tempo*, *Síndrome*, *Impressões sob Pressão Alta*, *Na Vesícula do Rock*, *Miragens Póstumas*, *Meu Primeiro Livro que é o Segundo*, *Uma temporada nas Têmporas*, *O Bem e o Mal Divinos*, *Suorpicious Mind* e *Omar*. Seus poemas foram publicados nas revistas Coyote, Et Cetera, Poesia Sempre, El Piez Naufrago (México), Oroboro. Premiado com o quarto lugar no Concurso de Contos José Cândido de Carvalho, em 2002. Participou, como músico, do CD *Melopéia*, de Glauco Mattoso. Consta da antologia *Na Virada do Século — Poesia de Invenção no Brasil*, organizada por Cláudio Daniel e Frederico Barbosa (São Paulo: Editora Landy, 2002). Publicou *Há Flores na Pele* (João Pessoa: Editora Trema, 2001) e *Todos os cachorros são azuis* (Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2008), com incentivo do Programa Petrobrás Cultural – Edição 2006/2007. O livro foi um dos 50 finalistas do Prêmio Portugal Telecom, edição 2009. Em 2008, publicou também a plaquete *Desequilíbrio*, de poesia visual, em parceria com Paulo de Toledo. Em 2009 foi a vez de *Caga-Regras* (Pará de Minas: Virtual Books). Fundador e coeditor da Zunái — Revista de Poesia & Debates [[www.revistazunai.com](http://www.revistazunai.com)]. Criou o site CaoX [fora do ar] e veiculou o e-zine Balacobaco [<http://balacobaco08.vilabol.uol.com.br>], com entrevistas com mais de 150 poetas e escritores. Suas entrevistas também foram divulgadas em vários sites e muitas delas estão na Germina — Revista de Literatura e Arte [[www.germinaliteratura.com.br](http://www.germinaliteratura.com.br)], da qual foi um dos primeiros e mais assíduos colaboradores. Editou o

### O acervo digital da obra literária de Rodrigo de Souza Leão (RSL)

Ao ler alguns detalhes sobre a organização do acervo digital deste escritor, no texto de Rondinelli e Abreu (2015), organizadores do acervo no AMLB da FCRB, e, posteriormente na dissertação de mestrado de Abreu (2017), observa-se que a obra de RSL é basicamente realizada sob veículo, ou suporte, digital. “A produção literária de RSL se insere no cerne dos avanços da tecnologia digital na década de 1990. Neste contexto, a internet despontou como o principal veículo de sua obra” (RONDINELLI E ABREU, 2015, p. 242).

Resumidamente, Souza Leão foi adepto da publicação em rede, tendo fundado e colaborado com revistas eletrônicas, criado Blogs e site e participado de um site denominado Escritoras Suicidas, sob o pseudônimo de Romina Conti (RONDINELLI E ABREU, 2015).<sup>5</sup> Fora da internet, mas ainda no suporte digital, ele produziu poesias, romances e entrevistas, tendo publicado dez e-books de poesia e disponibilizado alguns romances para download gratuito (como é o caso de *Carbono Pautado*, escrito em 2003, que marcou a estreia dele na prosa). Em formato físico (papel), foram publicados poucos livros em vida, mas importantes, também, para sua biografia. Por exemplo, *Todos os Cachorros são Azuis* (Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2008) foi publicado a partir do incentivo do Programa Petrobrás Cultural – Edição 2006/2007 e foi um dos 50 finalistas do Prêmio Portugal Telecom, edição 2009. Outra obra publicada em 2009, antes de sua morte, foi *Caga-Regras* (Pará de Minas: Virtual Books, 2009), onde se pode ler: “Estou sempre esbarrando em alguém para ser livre. Se houvesse liberdade o mundo seria uma loucura. (...) Hospícios são lugares tão bonitos ... lembram os cemitérios.”. Além de obra escrita, Souza Leão também deixou obras plásticas, que pintou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e algumas obras musicais, participando do CD *Melopéia*, de Glauco Mattoso e musicando poemas seus para o projeto da banda “Krâneo e seus neurônios”.

---

blogue Lowcura [<http://lowcura.blogspot.com>], que participou da mostra *Blooks — Tribos & Letras na Rede* (coordenação de Heloísa Buarque de Holanda e curadoria de Bruna Beber e Osmar Salomão, 2007). Sob o pseudônimo de Romina Conti, foi uma das Escritoras Suicidas [[www.escritorassuicidas.com.br](http://www.escritorassuicidas.com.br)]. Escreveu artigos e resenhas para os jornais "O Globo" e "Jornal do Brasil". Morreu no Rio de Janeiro, em 02 de julho de 2009. Deixou, cheios de saudade e orgulho, os pais Antonio Alberto e Maria Sylvia; os irmãos Maria Dulce e Bruno; a sobrinha Marina, a madrinha e tia Rita, muitos amigos, que ele juntou com sua atenção, afeto e generosidade. E vários livros inacabados.” Acessado em 17-08-2018.

<sup>5</sup> Ver detalhes na nota 4 deste texto.

É na entrevista de 2009 ao Jornal Vaia de Porto Alegre, mencionada na nota 2 deste texto, e que complementou o que se observou em arquivo, que RSL relata que queria ser, inicialmente, locutor de rádio e que sua relação com a escrita se deu primeiramente aos 18 anos ao escrever letras de músicas. Seguiu-se a isso a escrita de poesias.<sup>6</sup>

Após sua morte prematura, aos 43 anos, a família constituiu um curador para sua obra, o poeta e jornalista Ramon Nunes Mello, que faz um trabalho importante em relação à memória do autor e à divulgação de sua obra: capitaneou a publicação de alguns de seus livros em editoras importantes, realizou a curadoria da exposição de suas obras plásticas no MAM do Rio de Janeiro, atuou em uma peça de teatro sobre o livro ‘Todos os cachorros são azuis’, assinou a pesquisa, argumento e roteiro do documentário em longametragem *Tudo vai ficar da cor que você quiser* e realizou a doação do acervo literário de Rodrigo de Souza Leão para o Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (2013), assim como a doação do seu acervo pictórico o Museu de Imagens do Inconsciente (2012).<sup>7</sup>

O arquivo pessoal digital de RSL (98% do acervo é digital), caracterizado como híbrido, chegou no AMLB em 2013 em quatro tipos de mídias (disquetes, DVD, CD e pendrive) e compreendia, como conteúdo, correspondências (correio eletrônico), poemas, contos, crônicas, fotografias, desenhos, filmes, músicas, etc. (RONDINELLI E ABREU, 2015)

Quando examinado *in loco* por mim em 2017, o Fundo Rodrigo de Souza Leão compreendia 12 seções: concursos e prêmios, correspondência, cursos, documentos colecionados, documentos complementares, documentos de imagem em movimento, documentos iconográficos, documentos pessoais, documentos sonoros, produção

---

<sup>6</sup> “Eu sou esquizofrênico. Descobri isso — apesar de já ter sintomas desde os 15 anos — somente aos 23. Consegui me formar com 22, em Jornalismo. Queria ser locutor de rádio. Nunca tinha escrito nada, nem pensava em literatura. Meu negócio era ouvir rádio e ser DJ. Meu irmão comprou uma bateria e começaram os ensaios aqui em casa. Comecei a querer cantar. De locutor, passei a sonhar com o canto. Fiz aulas com o tenor Paulo Barcelos. Comecei a cantar na banda Pátria Armada. Toquei no Circo Voador, na Metrópolis, no Let it Be, no Made in Brazil entre outros: locais onde a Legião, Paralamas e Capital tocavam. Comecei a escrever letras de música. Foi meu primeiro contato com a escrita. Aos 18 anos. Depois passei a escrever poemas.” Entrevista a Fernando Ramos. Disponível no link Entrevistas do site <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/>. Acessado em 27/05/2018.

<sup>7</sup> Maiores detalhes em: <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/biografia.htm> Acessado em 27/05/2018.

intelectual, produção intelectual de terceiros, produção intelectual NI (não identificada). Na época, o arquivista informou que não foi o produtor do arquivo que organizou desta maneira e sim foi um trabalho da equipe da AMLB responsável por este acervo. Respeitando a regra número um da Arquivologia, qual seja, manter a ordem recebida pelo produtor, mas na impossibilidade disto, o arranjo mais orgânico possível foi nortear as tipologias pelas atividades/funções do arquivado.<sup>8</sup>

A produção literária de RSL está toda neste acervo digital, e tem, aproximadamente, 2,23 Gigabytes até então. Das 12 seções do arquivo, divididas em dossiês, chamaram-se a atenção as seguintes, pelo teor de seus conteúdos e pelas temáticas destes: seção 2 (Correspondências), seção 7 (Documentos iconográficos) e seção 10 (Produção Intelectual), sendo esta última de maior interesse para o presente texto.

A seção 10 (Produção Intelectual) está subdividida em seis subseções: Música, Poemas, Produção de Publicações Eletrônicas, Produção em Publicações Eletrônicas, Projetos e Prosa. Alguns de seus conteúdos serão examinados a seguir.

Existe a possibilidade, pelo exame do material e de seus depoimentos diversos, que RSL tenha propositadamente constituído seus textos e seus arquivos digitais pensando em resistência de sua literatura a todo o impacto da Psiquiatria em sua vida, de seus diagnósticos e da vida reclusa que acabava por ter. Rodrigo era ciente de seu diagnóstico mental, sabia dos efeitos adversos dos medicamentos, lia muito a respeito, tinha pai psiquiatra e usava isto em suas criações e análises que fazia do mundo ao seu redor.

Como exemplo, chamam a atenção os títulos e os conteúdos de sua produção, na poesia e na prosa. É o que será exposto e discutido na próxima seção.

### **Literatura e resistência: a loucura em prosa e verso**

---

<sup>8</sup> A fim de adentrar a discussão sobre os detalhes e problemas a serem resolvidos com este tipo de arquivamento digital, com todas as normas arquivísticas respeitadas e discussões teóricas realizadas, remeto os leitores ao excelente texto, já citado acima, sobre a constituição deste acervo digital, dos autores Rondinelli e Abreu, 2015. Também, de forma mais detalhada, a fim de ler sobre a gênese, identidade (questões de autenticidade) e processamento do arquivo pessoal digital nem questão, ver a dissertação de mestrado de Abreu (2017) no PPG em Gestão de Documentos e Arquivos da UNIRIO.

Na obra de RSL, há uma enorme quantidade de títulos, letras de músicas e também de poemas que se referem a nomenclaturas psiquiátricas e psicológicas, como alguns nomes de doenças, de sintomas e seus sentimentos em relação ao que se passa com ele – expressos em prosa ou em versos.

Um exemplo de documento na subseção Música da seção 10 chama-se DJ Krâneo e Surtomania, é o que revela: “Ele é o que restou de si mesmo e de internações psiquiátricas”. No CD “Surtomania” há: “Bem-vindo a este mundo de loucura musical”.<sup>9</sup> Algumas letras das músicas são instigantes e essa, em especial, chama a atenção:

Esquizofrenia  
 “Estou preso  
 Quero sair  
 Grito socorro  
 Para alguém me ouvir  
 Fico angustiado  
 Todo tremendo  
 Falta-me o ar  
 A cabeça doendo  
 Estou mal  
 Passo mal” (SOUZA LEÃO, s/d)<sup>10</sup>

Na série “Poemas avulsos”, há poesias com conteúdos expressivos de sua situação mental, muito sensíveis e que, forma direta ou indireta, tocam em diversos motivos que movem sua vida: tristezas, sexo, poesia, loucura, medicação, música, internação psiquiátrica, entre outros. Alguns poemas são muito curtos, outros bem mais longos, nos quais um imenso desfile de símbolos aparece, cuja maioria, se interpretados agora, mostraria o aspecto criativo de sua personalidade que transformou a doença e a dor psíquica em versos.

No poema “Ainda ontem”, ele revela sua angústia frente à loucura que o acomete, sem cura, e se refugia na literatura...

Havia um louco  
 No século passado  
 Que via dois sóis  
 E se curou lendo Rousseau  
 Quando fecho os olhos vejo muitos sóis

<sup>9</sup> Tenho a permissão de Ramon Nunes Mello, curador da obra de RSL, para citar em material acadêmico alguns excertos da obra recolhidos do arquivo digital pessoal.

<sup>10</sup> Letra de uma música, consta no Fundo Rodrigo de Souza Leão, Seção 10, subseção Música. Sem data. Acessado em abril de 2017. AMLB, FCRB.

Quantos sóis há em nós  
Quantos livros para ler  
Quando a cura virá? (SOUZA LEÃO, s/d)<sup>11</sup>

Os conteúdos de sua loucura, ou desequilíbrio psicológico, aqui são representados pelos sóis, por esta luz solar interior que permite que se olhe para dentro e aí se busque a cura. A dele, parece claro como seus sóis, é na literatura e na escrita. Seja com Rousseau, Rimbaud ou Baudelaire (personagens frequentes e importantes em seus escritos), é a literatura que o faz sair de seus estados conturbados, que ele mesmo descreve em prosa ou em verso, na maioria das vezes usando metáforas que o colocam em paralelo com outros textos literários de outros escritores que passaram por questões semelhantes, entre internações e crises de loucura. Cura, aqui, não significa, em meu entender, a cura médica, mas a cura de sua ‘alma’, instigada pela loucura, mas também pelo espírito criador. Mesmo que sua literatura seja considerada por muitos como uma literatura da urgência, uma “literatura-limite escrita em um estado emergencial”<sup>12</sup>, ou uma escrita autobiográfica, não é desprezível, muito antes pelo contrário, a quantidade e a qualidade de sua produção escrita, digital, original e criativa. Ao invés, eu afirmaria mesmo que é uma literatura de resistência a tudo isto a que ele é submetido – resistir às internações, resistir ao diagnóstico imposto, resistir às impressões familiares sobre ele, resistir psiquicamente aos efeitos adversos e nefastos das medicações psicotrópicas. Ao resistir, ele escreve. Ao escrever, ele resiste. E assim constituiu uma vasta obra.

Sua prosa também é reveladora de imagens e sensibilidades sobre a loucura.

---

<sup>11</sup> Poema “Ainda ontem”, consta no Fundo Rodrigo de Souza Leão, Seção 10, subseção Poemas, Série Poemas Avulsos. Sem data. Acessado em maio de 2017. AMLB, FCRB.

<sup>12</sup> O desenvolvimento do conceito de *Literatura de urgência* é proposto pela professora Dra. Luciana Hidalgo, “para definir um tipo de escrita realizado sob estado de emergência, consolidado como inscrição capaz de ir além das técnicas de controle corporal no hospital psiquiátrico”, quando ela estuda a obra “Diário de Hospício” de Lima Barreto. “Demonstra-se como esta literatura nasceu conspurcada, contaminada pela loucura e pela rotina no manicômio, sendo simultaneamente uma escrita de si criada para defender o eu acuado ante a instituição e um documento de valor histórico capaz de denunciar, pelo viés do paciente, minúcias do dia-a-dia psiquiátrico, constituindo uma literatura não-oficial do hospício. Esta escrita do extremo, esta narrativa-limite inventada para enfrentar uma situação-limite, teve a função de compensar o corpo louco, funcionando como ponte do não-ser, aniquilado pela instituição, com o ser integral, pleno.”

Disponível em:

[http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/005/LUCIANA\\_HIDALGO.pdf](http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/005/LUCIANA_HIDALGO.pdf)

Acessado em 27/05/2018.

No livro “Todos os cachorros são azuis”, que consta, também, no acervo, na Subseção Prosa da Seção 10 de Produção Intelectual (publicado em vida, em 2008), o autor revela um surto psicótico e uma internação psiquiátrica do personagem, misturando ficção e realidade. O romance inicia no capítulo intitulado “Tudo ficou Van Gogh”, com a frase “Engoli um chip ontem”, e continua com “Danei-me a falar sobre o sistema que me cerca. Havia um eletrodo em minha testa, não sei se engoli o eletrodo também junto com o chip. Os cavalos estavam galopando. Menos o cavalo-marinho que nadava no aquário.” (SOUZA LEÃO, 2008, p.9)<sup>13</sup>

Segundo ele, na entrevista de 2009 mencionada acima, embora tenha apresentado sintomas de esquizofrenia desde os 15 anos, foi com 23 que a descobriu, ao pensar que havia engolido um grilo, transformado na metáfora do chip em seu texto ficcional e depois, no próprio grilo.

Tudo começou quando eu engoli um grilo em São João da Barra. Eu tinha 15 anos de idade. Estava indo ou voltando. Sempre estava indo ou voltando. Só parava para voar. Assim eram meus 15 anos, e foi como tudo começou. Nenhuma mulher saiu de mim. Nunca. Fui eu que sempre entrou em minha mãe. Lá estava ela bela e bonita, transando com papai. E eu vi, e era apenas mil novecentos e setenta. Não foi um trauma. Eu costumava andar com um cachorro azul de pelúcia. Meu cachorro não era gay por ser azul. (SOUZA LEÃO, 2008, p.11).

Engolir um chip é uma imagem um tanto comum no imaginário de muitos doentes em surto psicótico. Embora ele tenha dito na entrevista mencionada que não tinha alucinações, ele relata em sua ficção experiências muito fortes e paradigmáticas de surtos psicóticos alucinatórios e de conteúdos persecutórios. E todos consideravelmente simbólicos. O eletrodo pode estar fazendo menção ao eletrochoque que recebeu e que é mencionado em outras partes do livro.

Na entrevista de 2009 ao Jornal Vaia, já indicada neste texto, e que ora também utilizamos como fonte fidedigna de sua história de vida, ele argumenta que este livro começou a ser escrito em 2001, após sua segunda internação psiquiátrica e onde ele mixou suas duas internações, fazendo uma espécie de catarse: “Ao mixar as duas experiências

---

<sup>13</sup> Embora tenha visto o livro no arquivo, aqui dá-se a referência ao livro publicado pela editora 7 Letras em 2008. Referência completa ao final.



eu fiz uma catarse muito forte. Algo que busquei foi uma linguagem próxima à da loucura”. (SOUZA LEÃO, 2009)<sup>14</sup>

Aqui também dá a entender que ele fez uma resistência ao seu estado de louco, estado este incompreendido no início, mas que com o tempo foi estudado por ele e transformado em prosa e verso.

O autor se coloca como fazendo experimentações com a linguagem, criando a partir de suas experiências e das experiências de seu irmão, que também tinha diagnóstico psiquiátrico e sofria de alucinações, os personagens e as situações de hospício. “Também misturei pessoas e criei fatos. Eu não sofro alucinações. Tenho sensações persecutórias. Sou portador de uma esquizofrenia específica, chamada atualmente de distúrbio delirante. Nunca ouvi vozes. Nem tive delírios. Achava e ainda acho que sou perseguido por agentes. ”. (SOUZA LEÃO, 2009)<sup>15</sup>

Algumas imagens são fortes e denotam o sofrimento pelo qual passou nas internações, com as técnicas utilizadas pela medicina: “Botaram tubos em mim e começaram a fazer sucção. Fui abduzido por extraterrestres” (SOUZA LEÃO, 2008, p. 13); “Tudo ali era Akineton” (SOUZA LEÃO, 2008, p.13), menção ao medicamento utilizado para cortar o efeito de impregnação por doses elevadas dos antipsicóticos; “Vivo sedado e cheio de doses altas de remédio na veia. Tudo para ser invadido por uma música, tudo para manter a boa ordem do estado. Somos a minoria, mas pelo menos falo o que quero.” (Leão, 2008, p.14); “O bom do cachorro azul é que ele não crescia e não morria. O negócio era cuidar para que ele não envelhecesse. [...] O cachorro azul era minha melhor companhia. [...] Se ele pudesse latir e comer, o que comeria um cachorro azul? Alimentos de sua cor? E se adoecesse, tomaria remédio azul? Muitos remédios são azuis, entre eles o Haldol. Eu tomo Haldol para não ter nenhuma ilusão de que morrerei louco, um dia, num lugar sujo e sem comida. É o fim de qualquer louco” (SOUZA LEÃO, 2008, p.14).

---

<sup>14</sup> Entrevista a Fernando Ramos. Disponível no link Entrevistas do site <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/>. Acessado em 27/05/2018.

<sup>15</sup> Entrevista a Fernando Ramos. Disponível no link Entrevistas do site <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/>. Acessado em 27/05/2018.

Como revela na entrevista (2009), ele quis se afirmar pela linguagem e não se mostrar um ‘coitado’ por ter sofrido estas internações e por ser acometido de loucura. Também não teve a intenção de fazer um elogio à loucura, pois diz que essa o atrapalha, e muito. O cachorro azul, que dá nome ao livro e se refere a um bicho de pelúcia da infância, tem a mesma cor do remédio antipsicótico que ingeria diariamente desde os primeiros surtos e simboliza, na prática e na ficção, a possibilidade de controlar a loucura. Na história do simbolismo comparado, o cachorro é um animal relacionado à cura, pois está associado, na mitologia grega, ao deus Asklépio, ou a Esculápio dos latinos, o deus da Medicina. “Seu conhecimento, do além e do aquém da vida humana faz com que o cachorro seja apresentado como um herói civilizador, quase sempre como conquistador ou senhor do fogo”. (CHEVALIER, 2009, p.409) Assim, o cachorro azul, embora seja um símbolo relacionado ao bicho de pelúcia de sua infância (CUNHA, s/d), aparece aqui como um psicopompo, que, como o deus grego Hermes, faz a ponte entre os dois mundos, no caso, entre os mundos dos deuses e dos homens, ou seja, metáfora do mundo do inconsciente e da consciência.

Na prosa de Souza Leão<sup>16</sup> há elementos que demonstram sua intimidade com as Letras e com os aspectos criativos de sua psique. Ele transpõe para o mundo ficcional não somente o que ele pensa e sente, mas muito de sua visão de mundo – sobre a loucura, sobre a liberdade, sobre o sexo, sobre a criação. Ele demonstra ter ciência de sua dupla condição de louco e de artista, ao mesmo tempo. O que poderia ser uma entrega simplesmente passiva a um estado de loucura permanente e sem objetivo, na pasmeira de uma vida encoberta por medicamentos que embotam a energia psíquica de uma mente, ele transformou em ato criativo através de sua arte, seja literária (principalmente), seja musical e até mesmo plástica, de seus últimos anos de vida na EAV do Parque Lage. Ele

---

<sup>16</sup> Alguns de seus textos em prosa foram publicados postumamente pelo curador de sua obra e estão sendo por mim estudados. Todos versam sobre loucura, em diferentes aspectos. São eles: *Me roubaram uns dias contados* [Record, 2010 - apresentação de Leonardo Gandolfi], *O Esquizoide* (Record, 2011 - apresentação de **Silvana Guimarães**); *Carbono Pautado* (Record, 2012 - apresentação de **Franklin Alves Dassie**); e *Todos os cachorros são azuis* (2010 – 2ª edição - apresentação de **Jorge Viveiros de Castro**) este último, publicado em Londres (And Other Stories, 2013 - tradução de Stefan Tobler e Zoë Perry) e no México (Sexto Piso, 2013 – tradução de Juan Pablo Villalobos). Fonte: Link biografia do site <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/> Acessado em 27/05/2018.

teve forças para reagir, até onde conseguiu. É uma literatura de esforço e resistência, por ler muito e por procurar compreender o que se passava com ele.<sup>17</sup>

Corroborar essa análise a afirmação feita a Fernando Ramos, quando questionado sobre literatura e liberdade (“Literatura é a procura de liberdade”, diz o entrevistador). Ele responde: “A liberdade só é possível na arte”, e esta sua assertiva está fielmente retratada na metáfora do hospício, na obra “Todos os cachorros são azuis”, ao se referir à sua primeira internação que, segundo ele, foi a mais traumática por ter sido levado em camisa de força e por ter sido enclausurado em um cubículo, quase uma jaula:

A primeira liberdade é sair do cubículo. A segunda liberdade é andar pelo hospício. Liberdade é só fora do hospício. Mas a liberdade mesmo não existe. Estou sempre esbarrando em alguém para ser livre. Se houvesse liberdade o mundo seria uma loucura com todo mundo. Eu podendo sair por aí com Rimbaud e Baudelaire. Viajando pra Angra dos Reis. (SOUZA LEÃO. 2008, p. 20)

Ou seja, a liberdade está em suas viagens literárias, que os poetas citados representam e que são os personagens do livro. Em sentido conotativo ele já afirmara o que sua racionalidade alcança numa entrevista.

Porém, ele analisa que esta liberdade na escrita é obra de uma inspiração divina, de um xamã, ou seja, não foi ele a escrever, escrevia como se estivesse possuído por um deus diferente: “Não de um demônio que me atormentava, mas sim de um novo deus. Um deus pagão, muito maior que eu. Acredito em inspiração. Não fui eu quem escreveu o livro. Acredito que um Xamã me ditou. Alguma força superior me impulsionou a escrever. Foi diferente de escrever livros lineares”. (Entrevista, 2009)

Mesmo dizendo que ele não possui processo criativo (Entrevista, 2009), ele produz num estado perto do onírico, o que lhe confere uma grande proximidade com o inconsciente criativo. Reproduzo aqui um excerto importante de sua entrevista:

Escrevia todo dia uma lauda no Word. Sempre no mesmo horário. Depois que acordava. Os sonhos estavam próximos. Acho que essa "oniricidade" (essa proximidade) ajudou. Não consigo, quando escrevo, ter um controle exato do que escrevo. Simplesmente, não tenho processo criativo. Não monto mapas e nem escaletas e não faço pesquisas. Procuro ser o mais espontâneo possível. Como se pudesse falar tudo o que quero e contar uma história sem ter uma ordem. Não foi algo planejado para ser assim. Surgiu. Pintou. E como pintou, ficou. (Entrevista a Fernando Ramos, Jornal Vaia, 2009)

---

<sup>17</sup> Há outras entrevistas no site que foram lidas e, portanto, já se faz aqui uma interpretação do que se leu. Ver o link Entrevistas do site <http://www.rodriodesouzaleao.com.br/>

Voltando à sua poesia e para terminar as reflexões neste texto, reproduz-se aqui um poema, que faz parte da série “Meia Dúzia” e que aparece no site do escritor, já referido na nota 4, editado por Mariza Lourenço e Silvana Guimarães.

Chama-se “Tributo”, verso único, que contempla sentimentos de desconforto para consigo e sua escrita, para com a vida e, mais, para com alguns críticos:

não tem uma teoria que explique o que sinto  
não tem ninguém que nunca não mentiu  
alguém pode vir aqui e escolher entre os  
poemas errados que escrevi nesses últimos  
vinte quatro anos: é um número gay power  
diria que não sou gay, mas não é isso que  
pensam. pensem o que quiserem os pensadores.  
o pensamento foi feito para ser livre como  
este verso. aliás, que versinho sem vergonha.  
nunca mais escrevi alguma coisa que preste.  
acho que estou condenado a isso; melhor  
seria me calar ou manter minha abstinência  
poética. **é que a vida tem tão pouca poesia  
para tanto poeta que insisto nessa linha de  
força. como se só restasse isso a fazer.** (SOUZA LEÃO, s/d, grifos  
meus)<sup>18</sup>

Porém, é neste verso, também, que ele explicita sua capacidade de resistir a tudo que é adverso e continuar a escrever: “é que a vida tem tão pouca poesia, para tanto poeta que insisto nessa linha de força. como se só restasse isso a fazer.”. Sua sensibilidade de escritor, louco e lúcido, surge em seus escritos como bálsamo de si mesmo, seu oásis, onde é possível se deleitar e fazer resistência ao mesmo tempo, como seus comparsas e ‘alter-egos’ Rimbaud e Baudelaire.

### Considerações finais

Citando a historiadora Sandra Pesavento, uma das pioneiras no Brasil na reflexão sobre a importância de se pensar e trabalhar com as sensibilidades na História, “as sensibilidades são uma forma de apreensão e de conhecimento do mundo para além do conhecimento científico, que não brota do racional ou das construções mentais mais

---

<sup>18</sup> Poema “Tributo”, da série Meia Dúzia. Disponível em <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/>. Acessado em 19/082018.

elaboradas. ” Afirma que a esfera das sensibilidades provém do corpo, numa reação-resposta à realidade, e, “como forma de ser e estar no mundo, a sensibilidade se traduz em sensações e emoções, na reação quase imediata dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psíquicos, uma vez em contato com a realidade. ” (PESAVENTO, 2007, p.10)

Pois bem, mesmo expressando-se na materialidade de objetos, textos, pensamentos, o indivíduo tem condições de exprimir seu ser sensível e dar forma aos seus anseios mais escondidos, aos seus estados de alma mais inconscientes, aos seus percalços na vida mais inenarráveis. No caso de RSL, por ser um poeta e um escritor que se auto reconhece como tal, tem-se esta sensibilidade, que salta de seu corpo e de sua psique, transformada em processo criativo e de resistência ao seu sofrimento.

Para Jung (2010a), a criatividade humana se comporta como um instinto, ou seja, é compulsivo, mas não é universalmente difundido nem é uma organização fixa e herdada invariavelmente. Ou seja, como instinto surge no ser humano e se instala em determinadas condições favoráveis ao seu desenvolvimento. (SANTOS, 2007)

Diz ele:

Prefiro designar a força criativa como sendo um fator psíquico de natureza semelhante à do instinto. Na realidade, há íntima e profunda relação com os outros instintos, mas não é idêntico a nenhum deles. Suas relações com a sexualidade é um problema muito discutido, e sem muita coisa em comum com o impulso a agir e com o instinto de reflexão. Mas pode também reprimir todos estes instintos e colocá-los a seu serviço até à autodestruição do indivíduo. *A criação é, ao mesmo tempo, destruição e construção.* (Jung, 2010b, p.55; grifos meus)

Esse autor ainda postula a existência de um “complexo criativo” na psique humana e afirma que toda obra humana é fruto da fantasia criativa. (2010b)

É em sua obra *O espírito na arte e na ciência* (JUNG, 2010b), onde o autor mostra como o "complexo criativo" surge numa obra de arte, independente da psicologia pessoal consciente de seu criador, a qual, de maneira alguma, explica a totalidade da sua obra. Sendo os conteúdos dos delírios de muitos pacientes psiquiátricos também simbólicos, não deveriam ser considerados patológicos, mas expressão de algo, dentro deles, que quer tomar forma e vir à tona – muitas vezes, transformando-se em obras criativas, porque simbólicos.

Juntam-se aqui sensibilidade, instinto criador e impulso para resistência de tudo o que incomoda, mas também de tudo o que pode surgir como novo, na vida atormentada pela doença e pelas técnicas que, em princípio, serviriam para tratá-la.

Tendo uma experiência em interpretar materiais simbólicos, tanto de sonhos como de escritos, percebo que as imagens que Souza Leão revela, e desvela, possuem uma coerência com seu imaginário e com o imaginário de uma época, mesmo que metamorfoseados em símbolos próprios, como o cachorro azul. Seus símbolos são prenhes de significados e são imagens sensíveis que contêm uma força metafórica para nosso período histórico. Seu instinto criativo foi levado às últimas consequências, se pensarmos em sua vasta obra deixada em seu acervo e também em sua morte, caso ela tenha sido o suicídio de que alguns falam: criação e destruição.

Em Rodrigo de Souza Leão, há um jogo entre Rodrigo autor e Rodrigo personagem (CUNHA, s/d) que é visível em alguns poemas, mas também nos Blogs que escreveu. São peças, às vezes conscientes e às vezes inconscientes, de seu quebra-cabeça giratório - ou de seu caleidoscópio de imagens interiores, que também tão bem foram expressas em suas pinturas.

Na entrevista citada, ele alega: “Tenho até certa dificuldade de escrever. Pode parecer fácil, mas não é. Eu não faço plano. Sento e vou escrevendo. De modo que essa ambientação onírica é muito mais inconsciente do que consciente.” (Entrevista, 2009)

Aqui fica exposto, em poucas palavras, seu processo criativo. E suas palavras corroboram as assertivas de Jung a respeito da criatividade humana e as de Pesavento sobre as sensibilidades: sua criatividade brota do inconsciente, “sem planos” e, de forma sensível, ou seja, daquilo que é “onírico”, sua fantasia criadora, se expressa nos produtos materiais a que tem acesso - sua prosa e sua poesia.

## FONTES <sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Além dos sites e blogs fidedignos sobre o autor, tive a oportunidade, no Rio de Janeiro, de conversar com duas pessoas importantes a fim de compreender melhor a vida e a obra de RSL: o curador de sua obra, o escritor e jornalista Ramon Nunes Mello, que me contou um pouco sobre Rodrigo, algumas peculiaridades de sua vida e interações, sobre a ida de seu acervo para o AMLB da FCRB, sobre a fase de Rodrigo pintor no Parque Lage e me autorizou a pesquisar seu acervo, coletar material para meus escritos e ir no Museu de Imagens do Inconsciente ver as pinturas de Rodrigo e tomar algumas fotografias; o arquivista estagiário

SOUZA LEÃO, Rodrigo de Souza. *Site*. Disponível em <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br> Acesso em 19/08/2018.

SOUZA LEÃO, Rodrigo de Souza. *Todos os cachorros são azuis*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.

SOUZA LEÃO, Rodrigo de Souza. *Os inumeráveis estados poéticos*. Entrevista a Fernando Ramos. *Jornal Vaia*. Porto Alegre. MAIO 2009. Disponível em <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br> Acesso em 19/08/2018.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Jorge Phelipe Lira de. *Existir em bits: gênese e processamento do arquivo nato digital de Rodrigo de Souza Leão e seus desafios à teoria arquivística*. Dissertação de Mestrado. PPPG em Gestão de Documentos e Arquivos. UNIRIO. 2017. Rio de Janeiro.

CHEVALIER, Jean , GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CUNHA, Graciane. *A urgência de ser: uma análise Da escrita autobiográfica em Todos os cachorros são azuis e O hospício é deus*. Disponível em [http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/sobre\\_ele/sobre\\_ele43.htm](http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/sobre_ele/sobre_ele43.htm) Acessado em 27/05/2018.

DUCHAMP, Marcel. O ato criador. In: BATTCKOCK, Gregory. *A nova arte*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

JUNG, C.G. *A Natureza da Psique*. Petrópolis: Vozes, 2010a.

JUNG, C. G. *O Espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes, 2010b.

PESAVENTO, S. J.; LANGUE, F. (Orgs.). *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

RONDINELLI, R.C., ABREU, J. P. L. A organização do arquivo digital de Rodrigo de Souza Leão: implicações arquivísticas, diplomáticas e tecnológicas. In: OLIVEIRA,

---

do AMLB da FCRB, Jorge Phelipe Lira de Abreu, Mestre em Gestão de Documentos e Arquivos pela UNIRIO, onde defendeu a dissertação intitulada “Existir em bits: gênese e processamento do arquivo nato digital de Rodrigo de Souza Leão e seus desafios à teoria arquivística”, que me explicou tudo sobre o acervo digital da obra de RSL e é um dos responsáveis pela sistematização do acervo. Agradeço a ambos as oportunidades que me deram de me aproximar desta instigante obra e desta personalidade ímpar.

Lucia Velloso, VASCONCELLOS, Eliane. *Arquivos Pessoais e Cultura: uma abordagem interdisciplinar*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015.

SANTOS, N. M. W.. Arte, loucura e instinto criativo: incursões na psicologia analítica. In: LURDI BLAUTH; RAQUEL WOZIACK. (Org.). *Arte e Psicologia: intervenções possíveis*. 1ed. Novo Hamburgo: Editora da Feevale, 2007.

SANTOS, Nádia Maria Weber. *Histórias de sensibilidades e narrativas da Loucura*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 2008. 320p.

SANTOS, Nádia Maria Weber. *Histórias de vidas ausentes: a tênue fronteira entre a saúde e a doença mental*. Passo Fundo, Editora da UPF, 2005. 1 ed. 191p. 2ed revista e ampliada - São Paulo: Edições Verona, 2013A.

TRAVANCAS, I., ROUCHOU, J. HEYMANN, L. (ORGS). *Arquivos Pessoais – reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: FGV, 2013.